

Anno VI

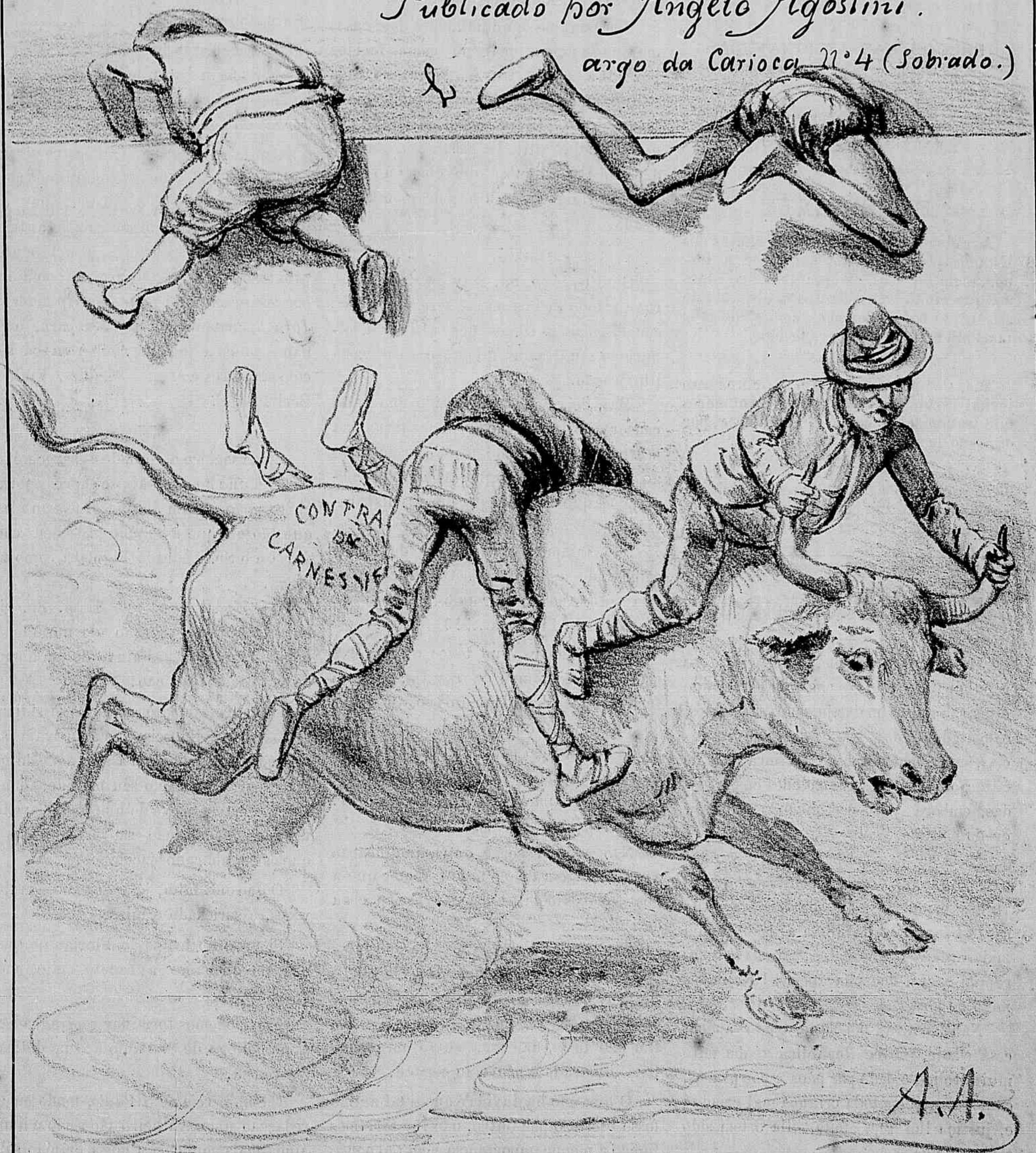
Rio de Janeiro. 31-3-1900

Nº 122

DON QUIXOTE

Publicado por Angelo Agostini.

argo da Carioca 21º 4 (Sobrado.)



Ainda?! Livra!!

O prefeito tem guiado essa vaca de tal modo, que ninguém sabe onde irá parar!

O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 31 de Março de 1900

Escriptorio e Redacção
LARGO DA CARIOMA N. 4
SOBRADO

---:(--

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL	ESTADOS
Anno..... 25\$000	Anno..... 30\$000
Semestre.... 14\$000	Semestre.... 16\$000
NUMERO AVULSO 1\$000	

EXPEDIENTE

Agradecendo a todos os assignantes dos Estados que mandaram satisfazer a importancia de suas assignaturas, rogamos aos que ainda não o fizeram o obsequio de seguir tão bom exemplo, certos de que muito lhes ficaremos agradecidos.

Todas as pessoas que assignarem o nosso jornal receberão como prémio os numeros que tratam das festas ao general Roca, por occasião de sua visita a esta Capital.

Toda correspondencia deve ser dirigida a Angelo Agostini para o nosso escriptorio—Largo da Carioca n. 4, sobrado.

Tres illustres victimas

Muita gente suppõe, comparando os republicanos com os monarchistas, que estes são muito mais ajuizados e pacatos, respeitadores das leis e das conveniencias, mais bem educados e incapazes de faltar o respeito às autoridades constituidas, embora não pertencendo ao seu credo politico.

Nada ha de extraordinario n'isso e é natural, assim tambem pensamos, que os velhos monarchistas que governaram durante 67 annos, de 1822 a 1889, sejam mais ordeiros e pacatos que os actuaes republicanos, que têm apenas 10 annos e meio de governo.

Não admira, pois, que, tendo apenas essa edade, nossa Republica tenha feito muita tolice e dado por páos e por pedras, como acontece a toda criança mal criada; e, justiça lhe seja feita, ella o tem sido e não pouco.

E tambem justiça nos seja feita; ninguem o tem dito, com a pena ou com o

lapis, com tanta franqueza e coragem como nós.

Ninguem até hoje ousou contestar o nosso espirito independente e sempre imparcial. Si, ás vezes, nossa critica parece apaixonada e violenta, é porque assim é preciso, assim o pede o acto commettido que censuramos, e o publico não desgosta que se lhe ponha os pontos nos ii.

Apresentam-se actualmente dois casos em que se acham mais ou menos feridos por nossa critica tres importantes vultos politicos; dois são republicanos e um é monarchista. Este é o Sr. Andrade Figueira, cuja attitudo perante a autoridade foi tão ridicula, que obrigou esta a usar de violencia para não ficar desmoralizada.

O outro é o Sr. Ruy Barbosa, que, com grande magoa nossa, tivemos de censurar, pois não somos dos ultimos a admirar o seu grande talento e a sua vasta illustração.

Mas, deixámos bem patente que nossa censura ao mestre e grande jornalista era apenas pelo modo por que referiu-se ao Sr. Dr. Andrade Figueira, fazendo comparações que achámos por demais disparatadas.

Não estamos arrependido de haver empregado este termo. Quem compara Chateaubriand e, sobretudo, Christo ao Sr. Andrade Figueira...!!!

Quem declara que todos os horrores praticados no tempo da revolta, todos os fusilamentos e degollamentos no Rio Grande do Sul e em Canudos, onde se empregou o petroleo para queimar vivas mulheres e crianças, nada é comparado com o que commeteu a policia com o Dr. Andrade Figueira...!!!

Não podia esperar outra qualificação a tanta exageração, muito maior que a nossas mais violentas censuras escriptas ou desenhadas.

Estamos convencido hoje de que interiormente, em sua propria consciencia, o Sr. Ruy Barbosa reconhece ter sido por demais exagerado, e dá-nos razão; e si assim não fosse, não seria então um jornalista ilustrado e provecto como é.

O que não ha duvida é que si tal artigo fosse escripto por outro, não lhe teríamos ligado a menor importancia, nem tão pouco o partido monarchista tomado ou fingindo tomá-lo ao serio, escreveria um sem

numero de cartas tão laudatorias como ridiculas, pois que peccam por uma base falsa e mentirosa, supondo o actual Christo monarchico Dr. Andrade Chateaubriand Figueira victimas do terrivel e poderoso juideu Enéas Galvão, que nem siquer lavou as mãos, como fez Filatos, do divino e chateaubrianesco sangue derramado no forte *Chabrol*, da rua de Monte Alegre, transformado em Calvario!

Ao receber as primeiras o Sr. Andrade Figueira ficou bastante lisongeado e respondeu publicando cartas e respostas no *Jornal do Commercio*.

Consta-nos agora que a illustre victimada com receio que isto continue ainda por muito tempo, e dizem que este novo Christo, longe de ser como o antigo, é muito agarrado aos cobres, e anda a pedir pelo amor de Deus que acabem com o tal engrossamento, pois que os *A pedidos* no *Jornal* custam-lhe bastante caro, e que não é pouco o que lhe roubaram os seus conspiradores e amigos Mendes, Vinhaes, Borlido & C.

Como sempre a verdade apparece, é impossivel que hoje os taes senhores monarchistas não saibam do que se passou n'esta questão em que a policia procedeu como devia e o Sr. Andrade Figueira como não devia.

O escandalo que este Exm. Sr. procurou fazer não é digno de um monarchista e muito menos ainda de um homem de sua edade e posição.

O engrossamento estupido e ridiculo de todos esses imbecis que approvam sua attitudo, compromette a seriedade de que ainda parecia gozar o seu partido, dando assim a maior prova de que os monarchistas apaixonados não são mais serios do que os republicanos jacobinos.

O que nos falta, já o dissemos muitas vezes, é seriedade e juizo.

Si fosse no tempo de Floriano e que o negocio cheirasse a cacete, elles andariam calados.

Não podemos terminar sem agradecer a um collega de S. Paulo a sua delicada referencia.

O *Commercio de S. Paulo*, tendo em sua redacção um cavalheiro tão serio e limpo, ainda mais confirma a nossa opinião sobre certos monarchistas que compromettem seu partido, não só pela sua falta de cri-

terio, como por uma outra ainda peior: não ter nenhuma educação.

A outra victimá é aquelle pobre senhor prefeito, que tão atrapalhado se viu na Prefeitura com o negocio das carnes verdes.

Confiantem em tudo quanto lhe querem fazer engulir, acreditou, como si fosse o evangelho, nas palavras mentirosas e interesseiras de uns especuladores sem carácter e sem dignidade, que o rodearam logo que se assentou na cadeira, não curul, mas de prefeito d'esta capital.

Começou logo dando por pãos e por pedras, commettendo toda especie de actos arbitrios, hostilizando os socios da empreza, que lhe fizeram acreditar serem uns malvados sem credito e até sem bois.

E o prefeito Calino caiu na esparrella e acreditou tudo.

D'ahi a sua mensagem em que, fazendo a apologia do socio demittido, declarava ser elle o Horacio, o unico que mais garantia o contrato das carnes verdes.

Entretanto, este socio tinha sido expulso da firma, e, para isso, havia razões poderosas.

Por que razão, sabendo d'isso o senhor prefeito, que quiz à força intervir n'esse negocio intimo da firma, já em litigio com o socio expulso, não tratou de saber do motivo da sua expulsão?

Porque tomou-o tão escandalosamente sob sua protecção, como si fosse uma pobre victimá, e tanto quiz obrigar à firma a aceitá-lo outra vez, reformando a nova firma pela antiga, sob pena de fazer cahir o contrato?

A maioria dos socios que não querem nem perder seus capitais nem os dos seus amigos, que lh'os confiaram, convencidos de que estavam garantidos por um contrato perfeitamente legal, não terão remedio senão sujeitar-se à exigencia do prefeito protector inqualificavel do socio expulso.

E' essa a situação hoje.

O que desejamos, a bem de todos, é que o prefeito mande passear a indigna quadrilha que sempre o rodeou e o compremetteu perante a opinião publica, contando-lhe mentiras e calumnias. E, uma vez que enxergar claro n'esse embrulhado negocio, será o primeiro a dizer à maioria dos socios: Ponham-me fóra aquelle tratante que me enganou e foi a

causa de levar descomposturas e aparecer pintado e sarapintado em caricaturas.

As cousas, então estabelecidas no seu verdadeiro pé e vendo o prefeito disposto a fazer justiça a quem merece, não seremos dos ultimos a louval-o por ter tomado uma boa resolução.

O que se deseja é comer o bife socadamente e mais nada.

SOUZA CORREIA

Foi uma grande perda para o Brasil, sem duvida, a morte repentina do conselheiro Souza Correia, nosso ministro em Londres.

Gozando das maiores sympathias de tudo quanto ha de mais elevado no mundo official britannico e igualmente no financeiro, pelas suas amistosas relações, tanto com o principe de Galles como com o Rothschild, o rei dos banqueiros e o banqueiro dos reis, o conselheiro Souza Correia era uma garantia para as nossas boas relações politicas e ao mesmo tempo economicas com a poderosa nação ingleza, com a qual sempre mantivemos e nos convém manter as melhores relações.

O telegramma que Rothschild enviou ao nosso presidente da Republica, é a maior prova da alta consideração em que era tido tão illustre diplomata.

Transcrevemol-o, assim como algumas linhas da noticia que sobre esse lutooso acontecimento escreveu o nosso collega do *Jornal do Commercio*:

«Londres, 23 de Março.

A S. Ex. o Sr. presidente da Republica do Brasil—Rio de Janeiro.

Verdadeiramente penalizado, informamos a V. Ex. do infasto e repentina falecimento de S. Ex. o Conselheiro Souza Correia, ministro brasileiro em Londres, o qual ocorreu prematuramente esta manhã.

O conselheiro Souza Correia estava apparentemente no seu estado normal de saude, e apenas se tinha queixado de leve rheumatismo e dor sciatica. Provavelmente foi repentinamente acometido durante a noite de outro mal; e quando foi chamado o medico esta manhã, encontrou-o já cadaver.

Apresentamos a V. Ex. a segurança de nossa muito sincera magoa pela grande perda que o vosso paiz acaba de sofrer. O vosso representante era um servidor devotado da Republica, e merecidamente respeitado e estimado pelos seus collegas do corpo diplomatico, além de ser um grande

favorito na corte e altamente apreciado na sociedade ingleza.

Nós pessoalmente perdemos um bom e affavel amigo, cuja memoria prezaremos sempre.—*Rothschild.*»

«O principe de Galles, herdeiro da coroa, tributava-lhe grande affeção e testemunhava-lhe sempre, publicamente, os sentimentos que por elle nutria. Além d'essa predilecção do principe, grande titulo à estima da sociedade, o conselheiro Souza Correia dispunha de raras qualidades pessoais de trato e bondade. Era realmente extraordinario e grão de consideração e estima a que attingira esse homem singelo, sem fortuna, representante de um paiz sul-americano, no meio de uma sociedade aristocratica, poderosa, que lhe dava primazias, invejadas por embaixadores de velhas nações prestigiosas.

Nem por isto elle esqueceu jamais suas delicadezas e simplicidade de carácter, e aos brasileiros que o procuravam cercava de todas as considerações, fazendo-os gozar na grande metropole as facilidades que o seu prestigio pessoal poderia dar.

A morte do conselheiro Sousa Correia será muito sentida no seio da sociedade que tanto o prezava e abre em nossa representação diplomatica uma enorme vaga, muito e muito difícil de preencher.»

MARAPICU'

Os jornaes todos trataram do tal negocio intitulado «Morgado de Marapicu».

Quando ouviamos fallar d'aquillo, sem saber ainda do que se tratava, suppunhamos que era negocio de algum testamento importante, alguma herança colossal pertencente a alguma familia fidalga de sangue azul, com brazões, escudos, capacetes de conde ou marquez, descendentes das cruzadas, etc., enfim, tudo quanto pôde haver de mais azulado em fidalguia.

Pois bem; cahimos das nuvens, apesar de lá nunca ter subido, com o saber que se tratava de um negocio o mais plebeu, no mais plebeu dos logares.

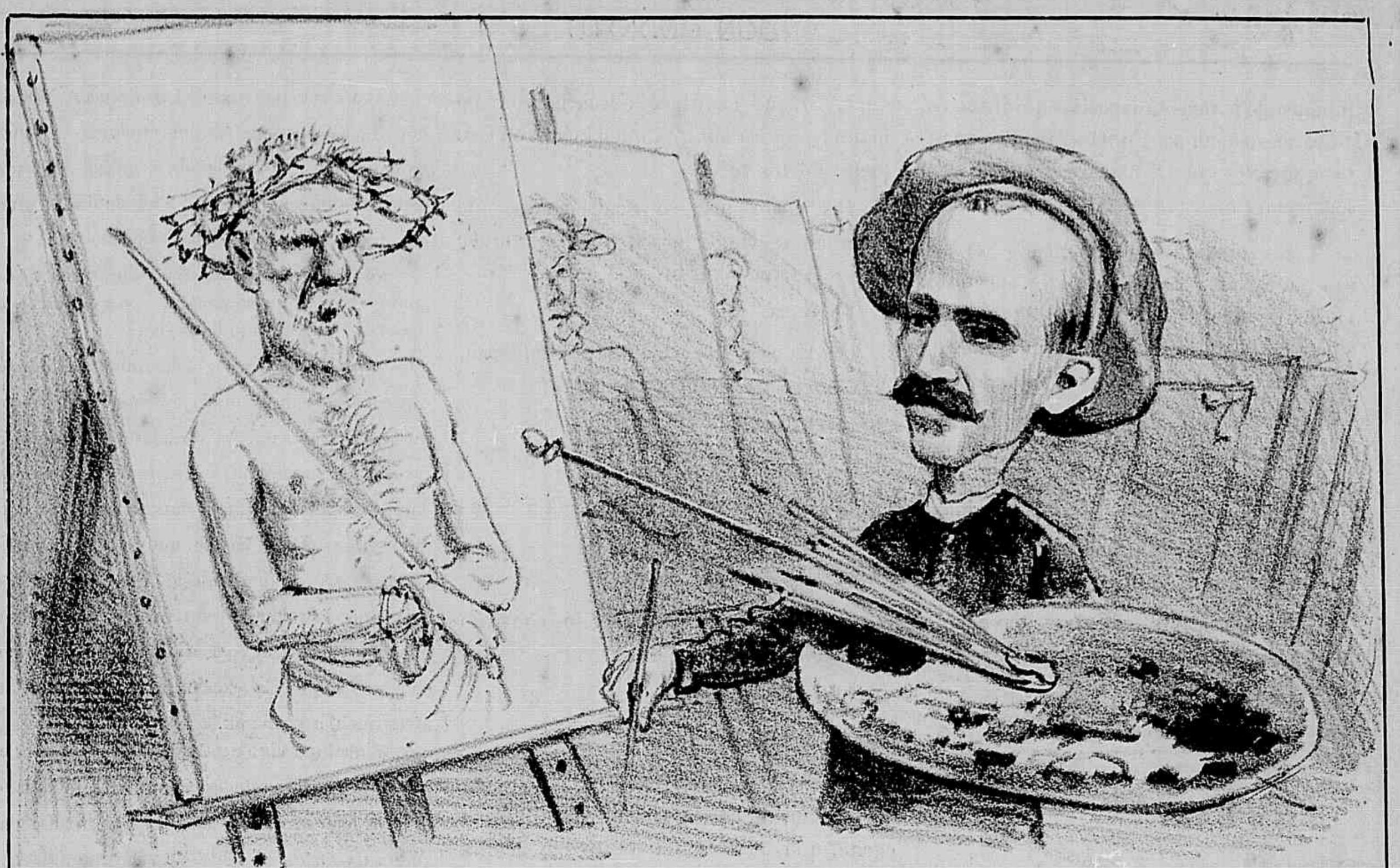
Trata-se de uns terrenos na Cidade Nova em que se estabeleceu um boliche, e tanto os terrenos como esse jogo é que estavam em litigio.

Ora bolas! dissemos nós, não tanto por causa d'estas fazerem parte do boliche, nem tão pouco pela do Paschoal Segreto, que quasi a perde à força de contrariedades movidas por todos os lados em que já entraram juizes, advogados, intendentes, agentes da Prefeitura, policia, um sem

D. Maria Antonieta N. N. de Souza comparece perante o tribunal que deve julgá-la pelos factos ocorridos na Casa da Moeda.



Todos os legumes da Casa da Moeda, vendo a triste posição de sua protectora, mostram-se inconsoláveis! Chora o rabanete, chora o rabanete, chora a cenoura, tudo chora!... As aboboras, os tomates, os pepinos, estão desolados!!! Um desespero geral em toda a quitanda!



É extraordinário o sucesso que o Ruy fez com o seu Christo entre os monarquistas. Chovem as encomendadas.



— Cara e illustre vítima, deve estar muito satisfeito de passar por Christo.
— Ora muito obrigado! E se me crucificam!...

— Vá para o diabo com tantas cartas!
A continuar assim, só em "A Pedidos" gastarei tanto quanto desperdiçei com a conspiração!

DON QUIXOTE

numero de petições, depósitos de dinheiro, despachos, penhoras, e não sabemos quantos aggravos que, si não acabarem, podem seriamente aggravar a saude do Paschoal.

Ultimamente, parece que tudo se arranjou. Só falta a licença do Sr. prefeito. E esta licença não vem, e a licença não aparece. Esta, ao que consta, depende da boa vontade de um tal Sr. Valverde, da Prefeitura.

A razão que este senhor dá de não ter pressa em entregar essa licença, sobre a qual já o Segreto pagou o custo adiantado, é que este só lhe falla em italiano e elle não entende essa lingua.

Por nossa parte estamos convencido de que si o Paschoal fallar francez, elle entenderá logo.

BASTA !!!

Como se sabe, a empreza das carnes verdes é uma vacca leiteira que tem trazido grande quantidade de candidatos com pretensões a mammar.

E creiam que esta é uma das principaes causas de toda essa trapalhada que tem havido n'esta questão de *carnes verdes*, que tem posto os miolos a arder a muita gente em geral, ao prefeito em particular.

E isto sem contar com o publico, que esbarra diariamente e a todo instante nas columnas editoriaes e não editoriaes da imprensa da capital com o tal titulo **CARNE VERDE** !

Com seis centos diabos ! podem dizer alguns leitores do *Commercio*, d'*O Páiz*, da *Gazeta de Notícias*, d'*A Imprensa*, da *Tribuna*, do *Jornal do Brasil*, da *Cidade do Rio* e não sei que mais.

Isto já é amolação ! Ha tanto tempo que vem esta carne verde em todas estas folhas, que até parece-nos já deve estar madura !

Ponham, portanto, o titulo de

CARNE MADURA

E na verdade o publico tem razão. Si todos os dias ao almoço e ao jantar nos déssem carne cozida, ou mesmo assada, acabariamos por dizer : basta !

E' o que acontece actualmente. De manhã pega-se em qualquer jornal e vê-se logo : Carne verde.

De tarde pega-se nos jornaes que saem depois das 3 horas, e em qualquer d'elles... Carne verde !

Irra !

Qual a causa de semelhante carneação, que tão bem rima com amolação ?

— O Coelho !

— Qual Coelho ?

— O Rodrigues, o Coelho da Prefeitura, o terrivel Coelho !

— Mas porque ?

— Porque quer dar cabo do contrato e voltar á matança livre.

— Livre de que ?

— Da carne.

— Da carne verde ?

— Sim, da carne verde ; essa maldita carne, que nos amola tanto de manhã como de tarde e até ao jantar, a ponto que já dei ordem ao cozinheiro para não comprar nem um só gramma.

Hoje só como frangos, hervas, ovos e...

— Olha bem para mim ! Tu dizes que o Coelho vai acabar com a amolação da carne verde ?

— Sim, já entrou n'um acordo e acaba com essa polemica.

— Oh ! si assim é, corro a dar-lhe um abraço e aperto-o com toda a effusão da minha alma sobre o meu... collete.

Ó GENERAL JOUBERT

Damos n'este numero o retrato do general Joubert.

Este heroe que chamou sobre si a attenção do mundo inteiro pelo modo energico e brilhante com que dirigi as operações de guerra contra os inglezes, tem despertado uma certa curiosidade e estamos convencido de que, o prazer que tivemos ao ver o seu ultimo retrato, tirado já em campanha, será partecipado por todos nos-sos assignantes.

Pedindo venia ao illustre V. d'*A Noticia*, transcre vemos o seguinte :

“A MORTE DO GENERAL JOUBERT.—Noticia hoje o telegrapho ter falecido hontem, repentinamente, em Pretoria, de uma antiga enfermidade do estomago, o general Piet Joubert, commandante em chefe das forças boers.

Não poderíamos dizer com segurança até que ponto a morte do generalissimo boer influirá na marcha e no resultado da guerra.

Era, sem duvida, um chefe militar de grande capacidade, além de bravo e esforçado. E' de moda, para fazer pirraça á Inglaterra, exagerar o valor e os meritos dos boers, e certa imprensa europea, principalmente a franceza, estejam certos, está a esta hora comparando o notavel chefe boer a Cesar, a Napoleão, a Moltke e a quejandos guerreiros. Ja compararam Kruger, cuja velha e habilidade de matuto, põe a sua patria a pique de perder a propria existencia, a Richelieu, a Metternich, a Bismarck.

Mania inocente e tola de approximações e comparações disparatadas. Como quer que seja, o general Joubert era, para o caso particular da guerra na Africa, um chefe de valor inestimável, um soldado aguerrido, tendo feito contra os ingleses a guerra da independencia em 1880---84.

Foi, com Kruger e Pretorio, um dos proclamadores da Republica do Transvaal em 30 de Dezembro daquelle anno, e da sua capacidade de organisador militar dá prova a habilidade com que dirigi o apercebimento secreto da guerra que desde muito o Transvaal premeditava contra a Inglaterra, como das suas capacidades propriamente guerreiras dá mostra a sua conducta nesta difficil campanha.

E' grande, talvez enorme, a sua perda para as duas republicas boers. Que elle seja insustituivel, fôra acaso demais dizer. A guerra alli exige capacidades, é certo, mas capacidades que são vulgares nos chefes boers, pois ao cabo resumem-se no conhecimento do terreno e no saber aproveitar a extrema mobilidade dos seus commandados. Com estas duas capacidades, e ao demais a sua bravura pessoal, resistencia e tenacidade, não faltam alli chefes.

Cronje, um simples agricultor, e outros generaes boers, são exemplo d'isso. Assumio o commando em chefe o Sr. Paulo Kruger. Este velho e pesado chefe do Transvaal, é tambem um guerreiro, como todo o boer. Como Joubert, fez a guerra da independencia, além das barbaras campanhas contra os negros. Ajudado pelos outros generaes boers e technicos europeus, elle não fará talvez menos que o general Joubert. Sómente cabe-lhe o mais difficil da campanha : talvez a inevitavel derrota.—V.»

N'UM JANTAR

— O que é isso, bacalhão? Pois hoje, quarta-feira, você come bacalhão?

— E ainda tem aqui mais peixe...

— E verdade! E aquillo que lá está tampado também é?

— E sim, peixe ensopado com...

— Com os diabos! Você devia prevenir-me que só comia peixe e garanto que dispensava o teu convite.

Mas que mania é essa de comer só peixe?

— E por causa do carbunculo que a *Noticia* anda apregoando a seus leitores.

— E tu caes n'essa?

— Hoje não é só esse jornal. Olha o que se lê, e isto é oficial.

O amigo lê:

«O carbunculo

O Dr. Emilio Gomes, chefe do serviço bacteriologico da directoria geral de saude publica, entregou hontem ao Dr. Nuno de Andrade o relatorio sobre os estudos feitos pela commissão no matadouro de Santa Cruz, ficando provada a existencia da septicemia carbunculosa no gado.

O Dr. Nuno vae estudar o relatorio, remettendo-o em seguida ao Dr. Torres Cotrim, director da hygiene municipal.»

— Não achas que isto é terrível?

— Terribilissimo ! !

— Então tenho ou não razão em comer bacalhão?

— Tens, sim; e agora eu em logar de um bife ou de uma costelleta de carneiro...

— Vaes comer bacalhão. Então tinha ou não razão?

— Vou comer dous bifes e duas costeletas de carneiro.

— ? ! !

— Sim! Duas costeletas e dous bifes.

— Mas, então...

— Tu és um pateta. Eu te explico: O Chapot e tambem Prevost é o autor d'essa pilheria. O homem é de muita força e é capaz de descubrir na ponta do teu nariz uma porção de microbios dos mais daninhos!

— Não estremeças, elle não fará isso, pois que de ti nada tem que lucrar... a sciencia.

— E' pois em nome d'esta, que por ahi anda tão desprezada, que elle resolveu levantar-a e levantar tambem a classe medica, victima da maior epidemia de saude de que ha exemplo n'esta cidade.

Para isso combinaram-se todos os esculapios e estão dispostos a tudo.

Teremos então um laboratorio especial no matadouro de Santa Cruz para descobrir...

— ...o carbunculo.

— Os cofres municipaes ou da empreza. Olha, meu amigo. Não sei si ha, si houve ou não carbunculo. O que eu sei é que nunca ninguem—e isto foi declarado oficialmente—morreu até hoje de carbunculo desde que se come carne no Rio de Janeiro.

— Não é preciso ser medico para ver si um boi está doente de carbunculo ou de qualquer outra molestia. Os que lidam com a carne conhecem isto tão bem ou melhor que os doutores.

— O que estes querem, a pretexto de sciencia, é arranjarem sua vida. Estão no seu direito e eu não lhes quero mal por isso.

— Então achas que posso comer carne sem receio?

— Sim, senhor, mas não com receio, com batatas se quizer ou qualquer outro legume.

— Anacleta?

— Sinhô? o que ha meu amo?

— Vá, já ao açougue comprar dois kilos da melhor carne e pague quanto quizerem.

— Carne? Uê!

— Anda depressa e faça-nos logo dois bons bifes.

— Ora, graças!

D'aqui e d'acolá

NOS TRIBUNAIS

Juiz— Porque matou sua mulher?

— Porque era impossivel vivermos juntos.

— Não tinha a separação?

— Não podia ser, Sr. juiz... tinha-lhe jurado nunca me separar d'ella em quanto viva fosse!

BOA ESCOLHA ...

Uma dama, divorciada judicialmente, foi condemnada a recolher-se ao convento que ella mesma designasse.

Juiz— A senhora já escolheu? Qual prefere?

— O dos Barbadinhos!

BOM AMIGO

Em um enterro surprehenderam um dos amigos da casa a escamotear um relogio e outros objectos mais.

— Pois é possivel, disseram-lhe, que o senhor não respeite a dôr da familia?

— E só em beneficio d'ella que estou retirando esses objectos, que recordariam eternamente o finado.

NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

Caras y Caretas — N. 75, bellas criticas coloridas, vistas photographicas do Transvaal e uma infinitade de cousas interessantes.

Antonio Salles — Perfil bio-litterario por Augusto Franco. Folheto dedicado a Silvyo Romero o maior homem de letras que o Brasil tem produzido. — Quem diz isso não somos nós, é o proprio Augusto Franco, que com tanta franqueza engrossa o Romero.

La vraie mode — Novo jornal de modas. *La broderie française* — Ambos se recommendam ao bello sexo que encontrará nelles cousas do maior interesse... feminil.

São distribuidos pela agencia Central de Assignaturas, F. Lacoste & C.

Sylvia — Fantasia mazurka de E. Pinzarrone. Editores E. Bevilacqua & C. Traz uma bellissima e nophilibatica capa de Júlio Machado.

Convite do Centro Catharinense para a sessão solemne da posse da nova directoria.

Do Congresso Beneficente Campos Salles, um bellissimo cartão convidando-nos ao beneficio deste Congresso no Parque Fluminense.



Ao cavalheiresco, humano e inelyto General Joubert.